

Walber Abreu¹ and Walber Gonçalves De Abreu¹

¹Affiliation not available

January 20, 2023

ANÁLISE FONOLÓGICA COMPARATIVA DA LÍNGUA TERENA DE SINAIS E DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

COMPARATIVE PHONOLOGICAL ANALYSIS OF TERENA SIGN LANGUAGE AND BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Walber Gonçalves de Abreu¹

RESUMO: As primeiras pesquisas com Línguas de Sinais Indígenas (LSI) surgiram a partir dos estudos sobre a LSI Urubu-Ka'apor. Desde então, pesquisas sobre diferentes línguas têm sido realizadas e mostrado a realidade dos indígenas surdos que vivem nessas comunidades. Dessa feita, o presente estudo objetiva investigar as semelhanças e diferenças fonológicas dos sinais de duas Línguas: Língua Terena de Sinais (LTS) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). As línguas de sinais são constituídas por unidades mínimas denominadas de parâmetros fonológicos, na Libras, há cinco parâmetros: configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressão não manual (QUADROS E KARNOPP, 2004). Por sua vez, os estudos preliminares da LTS demonstram que os parâmetros da Libras também estão presentes na LTS (SOARES, 2018). Para constituição do corpus, selecionamos os sinais para comparação a partir do trabalho de Soares (2018) sobre a LTS e contrastamos com os sinais da Libras a partir de um dicionário on-line. Como resultados, apontamos que o parâmetro fonológico que teve maior divergência nos sinais foi a configuração de mão, sendo esse, um o principal responsável em revelar a iconicidade do sinal e assim, a LTS e a Libras revelam formas diferentes de significar culturalmente determinados conceitos. Portanto, concluímos que a LTS e a Libras são línguas que apresentam poucas diferenças fonológicas, estando presentes os mesmos parâmetros em ambas as línguas e que, as disparidades presentes nessas línguas podem se dá em decorrência do fator tempo de existência, que faz com que a LTS apresente sinais mais expansivos em comparação a Libras, que é característica de línguas de sinais jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Língua Terena de Sinais. Língua Brasileira de Sinais.

¹ Doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFPA). Graduado em Letras Libras/Português como L2 para surdos (UFPA). Professor da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Tomé-açu-PA. walber.abreu@ufra.edu.br

ABSTRACT: The first researches with Indigenous Sign Languages (ISL) emerged from studies on the Urubu-Ka'apor ISL. Since then, research on different languages has been carried out and shown the reality of the deaf indigenous people who live in these communities. Thus, the present study aims to investigate the similarities and differences phonological of the signs of two languages: Terena Sign Language (LTS) and Brazilian Sign Language (Libras). Sign languages are made up of minimal units called phonological parameters, in Libras, there are five parameters: handshape, movement, location, orientation and non-manual expression (QUADROS E KARNOPP, 2004). In turn, preliminary studies of the LTS demonstrate that the Libras parameters are also present in the LTS (SOARES, 2018). To constitute the corpus, we selected the signs for comparison based on Soares (2018) work on LTS and contrasted them with Libras signs from an online dictionary. As a result, we point out that the phonological parameter that had the greatest divergence in the signs was the hand configuration, which is the main responsible for revealing the iconicity of the sign and thus, LTS and Libras reveal different ways of culturally signifying certain concepts. Therefore, we conclude that LTS and Libras are languages that have few phonological differences, with the same parameters being present in both languages and that the disparities present in these languages may be due to the time of existence factor, which makes the LTS present more signals.

KEY-WORDS: Phonology. Terena Sign Language. Brazilian Sign Language.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Em algumas comunidades indígenas com a presença de pessoas surdas pode-se desenvolver uma língua de sinais própria para estabelecer uma comunicação. As línguas dessas comunidades, recentemente, tem recebido atenção de pesquisadores e sua estrutura tem sido estudada. Neste trabalho, comparamos a Língua Terena de Sinais - LTS e a Língua Brasileira de Sinais – Libras, a primeira uma língua mais nova e com estudos mais recentes e a segunda mais antiga e com pesquisas mais avançadas. A importância de pesquisas desse tipo se dá por focar em estudos em línguas de sinais de micro comunidades como as indígenas e dá visibilidade para esses surdos, mostrando a diversidade cultural da comunidade surda. Dessa forma, a comparação realizada entre essas duas línguas mostra que elas apresentam poucas diferenças em sua estrutura. Assim, os constituintes estruturais (parâmetros fonológicos) presentes na Libras também estão presentes na LTS; a estrutura que mais teve diferença foi a forma da mão (configuração de mão). Entendemos que a principal influência nas diferenças se dá pelo fator tempo de existência das línguas, que faz

com que a LTS apresente sinais mais expansivos em comparação a Libras, que é uma característica de línguas de sinais jovens.

Introdução

As primeiras pesquisas com línguas de sinais indígenas (LSI) surgiram a partir dos estudos sobre a LSI Urubu-Ka'apor, cujo povo vive no território amazônico, mais especificamente no norte do Maranhão. Pelo alto índice de surdez na comunidade, os indígenas surdos da região criaram uma forma de comunicação sinalizada, que assim se estabilizou na aldeia. Desde então, estudos sobre diferentes LSI tem surgido e mostrado a realidade dos indígenas surdos que vivem nessas comunidades.

A LSI se constrói em comunidades indígenas que têm a presença de surdos que criam uma forma de comunicação, que é compartilhada por seus pares surdos e por ouvintes da comunidade. Discutir a LSI é falar de um espaço social linguístico permeado, atualmente, pela multiculturalidade e pelo contato com línguas orais e até mesmo, a língua de sinais oficial do Brasil, a Libras.

Dessa forma, o presente artigo pretende investigar as semelhanças e diferenças fonológicas dos sinais de duas Línguas: Língua Terena de Sinais (LTS) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). A escolha dessas línguas se deu pela possibilidade de acesso aos sinais delas por meio da documentação feita em trabalhos acadêmicos no Brasil, o que possibilita a comparação entre os sinais desses sistemas de comunicação.

Sendo assim, esta pesquisa justifica-se pela descentralização dos estudos em Língua de Sinais no Brasil, uma vez que focalizam apenas na língua oficial, a Libras, fazendo-se necessário discussões e mais pesquisas sobre as línguas de sinais de micro comunidades, como as indígenas. Compreender sobre esse universo traz o desafio de conhecer sobre as línguas usadas pelos indígenas e a capacidade e criatividade dos mesmos que, pela necessidade de comunicação, criaram uma língua e comunicam entre si.

Além disso, pesquisas de descrição linguística favorecem o entendimento da língua e cultura, possibilitando a criação de materiais didáticos, gramáticas e outros elementos didáticos que possam favorecer a educação de indígenas surdos nas comunidades.

Dessa feita, no primeiro momento tratamos do sistema fonológico da Libras e da LTS. Em seguida, comparamos os sinais de ambas as línguas fazendo uma análise fonológica. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

1 Fonologia da Língua Brasileira de Sinais

A fonologia das línguas sinalizadas se preocupa em estudar as unidades mínimas distintivas dos sinais, que são denominados de parâmetros fonológicos (QUADROS E KARNOPP, 2004). A literatura da área afirma que na Libras há cinco parâmetros: Configuração de Mão (CM), Locação (L), Movimento (M), Orientação da palma da mão (O) e Expressões Não-Manuais (ENM).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a configuração de mão diz respeito a forma que a mão é configurada no momento da realização do sinal (figura 1). Assim, há sinais que podem apresentar apenas uma CM e outros que apresentam mais de uma no momento da execução dos sinais.



Figura 1 – Inventário Faria-Nascimento de Configurações de Mão da Libras
Fonte: Marinho (2014, p. 123 apud Faria-Nascimento, 2009)

O parâmetro *Locação* refere-se ao local que a mão está posicionada no momento da sinalização. Esse local pode ser em uma parte do corpo ou no espaço neutro, que diz respeito a região à frente do peito (QUADROS E KARNOPP, 2004). Com base em Ferreira-brito e Langevin (1995), as autoras apresentam as locações presentes na Figura 2:

Cabeça	Tronco
topo da cabeça	pescoço
testa	ombro
rosto	busto
parte superior do rosto	estômago
parte inferior do rosto	cintura
orelha	
olhos	braços
nariz	braço
boca	antebraço
bochechas	cotovelo
queixo	pulso
Mão	Espaço Neutro
palma	
costas das mãos	
lado do indicador	
lado do dedo mínimo	
dedos	
ponta dos dedos	
dedo mínimo	
anular	
dedo médio	
indicador	
polegar	

Figura 2 – Locações da Libras
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58)

Segundo Quadros e Karnopp (2004), o movimento realizado pelas mãos, braços e ombros compreendem o parâmetro *movimento*. Esse é o parâmetro mais complexo, uma vez que essa unidade apresenta diversas variáveis na execução do sinal, que dizem respeito ao tipo, a direcionalidade, a maneira e a frequência, como demonstrado na figura 3.

<p>TIPO</p> <p><i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual</p> <p><i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado</p> <p><i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar</p> <p><i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento</p> <p><i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo</p> <p><i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>
<p>DIRECIONALIDADE</p> <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial - <i>Bidirecional:</i> para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda <p>Não-direcional</p>
<p>MANEIRA</p> <p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo - de retenção - refreado
<p>FREQÜÊNCIA</p> <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - simples - repetido

Figura 3: O parâmetro movimento em Libras
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56)

As três unidades mínimas apresentadas anteriormente foram as primeiras descritas nas Línguas de Sinais por Stokoe (1960) e são consideradas os parâmetros primários dessas línguas. Posteriormente, com o surgimento de outras pesquisas, os parâmetros orientação da palma da mão e expressão não-manual passaram a compor o grupo de parâmetros dessas línguas, e, na Libras, são considerados parâmetros secundários.

A orientação da palma da mão, como o nome sugere diz respeito ao direcionamento da palma da mão no momento da execução do sinal (QUADROS E KARNOPP, 2004). É importante ressaltar que um sinal pode ser composto por uma ou mais orientações e essa quantidade está totalmente relacionada ao movimento e as configurações de mão do sinal.



Figura 4 – Orientações da palma da mão da Libras
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59 e 60)

As expressões não manuais são as expressões realizadas pela face ou pelo corpo e acompanham a execução manual do sinal. Essas expressões podem marcar tanto questões afetivas, como as expressões que acompanham o sinal de FELIZ, TRISTE, VERGONHA e etc., quanto questões gramaticais, como as expressões que marcam sentenças interrogativas e negativas.

Quadros e Karnopp (2004) apresentam algumas das expressões não manuais possíveis na sinalização (figura 5)

Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)
<p>Rosto</p> <p><i>Parte superior</i></p> <p>sobrançelas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrançelas levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i></p> <p>bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrançelas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz</p>
<p>Cabeça</p> <p>balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás</p>
<p>Rosto e cabeça</p> <p>cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrançelas franzidas cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p>Tronco</p> <p>para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro</p>

Figura 5. Conjunto de expressões não manuais da Libras
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61)

O quadro de parâmetros fonológico das línguas de sinais pode ter variação de acordo com a língua de sinais. No Brasil, a literatura elenca os cinco descritos neste trabalho por constituírem unidades distintas quando analisados pares mínimos. Além disso, o número de elementos que compõem um parâmetro pode variar de uma língua para outra, por exemplo, a Língua de Sinais Japonesa apresenta configurações de mãos que não estão presentes na Libras e que, dificilmente faria por questões culturais, uma vez que essa CM é vista de forma pejorativa na cultura brasileira.

Nesta pesquisa, nosso desafio é comparar os sinais da Libras e da LTS e verificar se fonologicamente há semelhanças ou diferenças entre os parâmetros e se há peculiaridades nos parâmetros da LTS. Na próxima seção conheceremos um pouco mais sobre as questões fonológicas da LTS.

2 Fonologia da Língua Terena de Sinais

As informações e dados que serão aqui expostos estão baseados na pesquisa de Soares (2018), a qual investigou a LTS. Segundo a autora, surdos da etnia terena foram identificados na Terra Indígena Cachoeirinha, próximo ao município de Miranda-MS. Nessa aldeia, convivem surdos e ouvintes, esses que são mais próximos aos surdos também utilizam a LTS.

Quanto a presença da Libras na região, Soares (2018) afirma que há jovens surdos estudando na cidade que começam a ter contato com a Libras, contudo, esses mesmos quando em contato com os amigos surdos da aldeia, utilizam a LTS. Esse fato e análise gramatical feita pela autora comprovam que a LTS constitui um sistema de comunicação autônomo.

Sendo assim, no que diz respeito aos fonemas dessa língua, Soares (2018) apresenta exemplos de pares mínimos e pares análogos, que é um dos processos pelo qual identificamos os fonemas de uma língua. A autora afirma que constatou “parâmetros fonológicos existentes em qualquer língua de sinais natural nos sinais usados pelos terenas” (SOARES, 2018, p. 92).

Na figura 6 temos o exemplo do par mínimo composto pelos sinais MEU e EU. Nesses sinais, a unidade mínima que os diferencia é a CM (SOARES, 2018). Ressaltamos um ponto importante, se comparados com a Libras, o sinal referente à MEU em LTS é o mesmo utilizado para EU em Libras. E o sinal utilizado para EU em LTS, se aproxima ao sinal de MEU em Libras.



Figura 6 – Par mínimo MEU e EU em Língua Terena de Sinais
Fonte: Soares (2018, p. 87)

Soares (2018) apresenta os sinais de ÁGUA e BANHO como exemplo de par análogo. A figura 7 demonstra que os sinais se diferenciam nos parâmetros pontos de articulação (boca

e topo da cabeça) e expressão não manual (movimento de abrir a boca e neutro). Assim, há uma distinção em duas unidades mínimas, o que configura pares análogos.

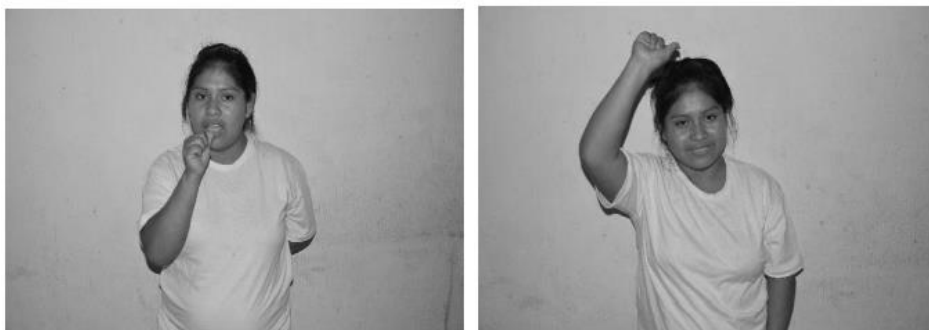


Figura 7 – Par análogo composto pelos sinais ÁGUA e BANHO em LTS
Fonte: Soares (2018, p. 91)

A partir dessas primeiras reflexões sobre a LTS discutidas pela autora, podemos refletir que essa língua de sinais indígenas apresenta uma constituição fonológica muito próxima à Libras, com os cinco parâmetros. Contudo, mais pesquisas precisam ser realizadas para que uma maior compreensão sobre a LTS possa ser estabelecida.

3 Comparação fonológica entre a Língua Terena de Sinais e a Libras

Nas seções anteriores demonstramos alguns aspectos referentes a fonologia da Libras e da LTS. Assim, neste momento iremos comparar em que essas línguas se assemelham e se distanciam em relação aos seus constituintes fonológicos, focalizando os cinco parâmetros das línguas de sinais.

Selecionamos um grupo de cinco sinais da LTS, presentes em Soares (2018) e pesquisamos a realização desses sinais na Libras no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3-2011², para assim, estabelecer a comparação fonológica entre essas línguas.

O primeiro sinal analisado é ÁGUA, presente na tabela 1. A CM, o M e a L desses sinais são diferentes, apresentando apenas semelhança na O, uma vez que ambas são ipsilateral, ou seja, a palma da mão se direciona para o lado contrário da mão que realiza o sinal. Destacamos a ENM de ‘abrir a boca’, pois na LTS a boca é aberta como se,

² Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

iconicamente, imitasse o momento de tomar água e na Libras, a boca também é aberta, em proporções menores, que pode fazer referência tanto ao ato de tomar a água como também à um empréstimo da letra inicial da palavra em português, água.

LTS	Libras
	

Tabela 1: Sinal ÁGUA
Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A tabela 2 apresenta o sinal EU. Em ambos os sinais temos a locação ‘peito’ sendo usada e a O, M, ENM também são as mesmas. O parâmetro que diferencia esses sinais é a CM, em LTS temos a mão aberta com os dedos unidos e o polegar estendido e em Libras o dedo indicador estendido.

LTS	Libras
	

Tabela 2: Sinal EU
Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Soares (2018) afirma que a LTS constitui um sistema linguístico diferente da Libras, sem relação no processo de criação ou contato linguístico. Assim, a proximidade na constituição paramétrica do sinal EU nessas línguas pode ter uma explicação relacionada a iconicidades das línguas de sinais, o que Fusellier (2001) classifica com semiogênese, ou seja, as línguas de sinais partem de um tronco comum, que é o corpo e, por isso, apresentam semelhanças que estão relacionadas a expressão corporal humana. Essa pode ser a explicação para que a LTS, a Libras e outras línguas de sinais utilizem um sinal muito próximo para significar EU.

O mesmo ocorre na tabela 3 para o sinal de MEU. Nesses sinais, a diferença está na CM e na O. Tanto o sinal EU quanto MEU fazem referência a primeira pessoa, a que profere o discurso e, portanto, são direcionados para quem sinaliza.



LTS	Libras
	

Tabela 3: Sinal MEU
Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Na tabela 4 os sinais referentes à ONDE se assemelham em apenas um único parâmetro, a L no ‘espaço neutro’. Em LTS a CM é com a ‘mão espalmada’, a EF com o ‘balançar da cabeça para as laterais’ e a O da mão ‘para cima’, em Libras, a CM é com os ‘dedos indicador e polegar estendidos em forma semicircular’, a EF com a ‘boca em formato circular’ e as ‘sobrancelhas levantadas’ e a O em ‘direção ipsilateral’.



LTS	Libras
	

Tabela 4: Sinal ONDE
Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Marinho (2014) argumenta sobre a evolução do sinal de formas mais expansivas corporalmente para formas mais curtas, sintetizadas pelas mãos. A autora demonstra essa evolução a partir do exemplo do sinal de CADEIRA em Libras (figura 8).

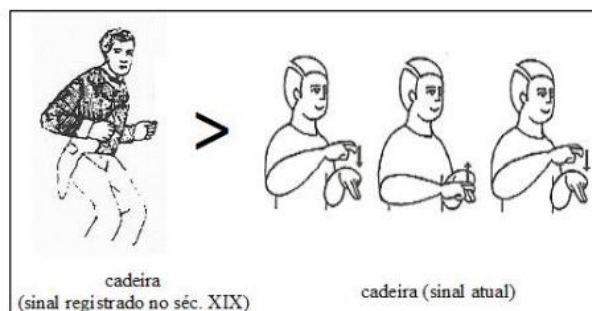


Figura 8 – Evolução do sinal CADEIRA em Libras
Fonte: Marinho (2014, p. 20)

Marinho (2014) argumenta que

o sinal mais antigo representa a própria atitude de sentar, com os movimentos de flexão das pernas e dos cotovelos, sugerindo o agachamento do corpo em direção a um assento. Da mesma maneira, a forma contemporânea faz alusão ao apoio das nádegas e das coxas numa superfície, porém com o redimensionamento das proporções do sinal original, substituindo as pernas pelos dedos indicador e médio da mão ativa (p. 20)

Apresentamos essa reflexão para discutir a partir da Tabela 4 que os sinais de línguas emergentes como a LTS tendem a apresentar uma extensão corporal e uma iconicidade evidente, mas que a partir da evolução dessas línguas esses sinais podem passar a sinalização apenas pelas mãos e o signo torna-se mais arbitrário, como ocorreu com diversos sinais da Libras, como exemplificado na figura 8.

Essa mesma discussão pode ser usada para o sinal POR QUÊ na tabela 5. Em que, na LTS o sinal apresenta o uso das mãos e dos braços na sua realização e na Libras, apenas os dedos são utilizados na sinalização.

LTS		Libras
		
		

Tabela 5: Sinal POR QUÊ
Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Por fim, na tabela 6 destacamos o sinal de CAFÉ. Esses dois sinais se diferenciam apenas no parâmetro CM, em cada língua é estabelecida uma forma da mão de segurar, de forma icônica, a xícara de café. Em LTS ocorre com a ‘mão fechada’ e em Libras com o ‘dedo indicador e polegar unidos e os demais estendidos’.



LTS	Libras
	

Tabela 6: Sinal CAFÉ
Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Para finalizarmos esta seção, apontamos que o parâmetro fonológico que teve maior divergência nos sinais foi a CM, que é um dos parâmetros fonológicos mais importantes nas LS, quando ele é alterado em um sinal a O e o M podem ser mudados também. Além disso, esse parâmetro é um dos que mais revelam a iconicidade de um sinal.

4 Considerações finais

As LSI são línguas plenas como as línguas orais e as LS nacionais, apresentando todos os níveis linguísticos presentes nas línguas naturais e assim, para que elas possam ser melhor compreendidas, mais pesquisas sobre a estrutura desses sistemas precisam ser desenvolvidas.

É importante ressaltar que a compreensão do sistema linguístico das línguas de sinais emergentes como a LTS leva-nos a entender um pouco mais sobre o surgimento das LS nacionais como a Libras no período de Dom Pedro II, quando a Libras começou a ser constituída.

Sendo assim, podemos concluir que a LTS e a Libras, a partir dos sinais que foram investigados nesse trabalho, são línguas que não apresentam muitas diferenças fonológicas, estando presentes os mesmos parâmetros em ambas as línguas e que, as disparidades presentes nessas línguas podem se dar em decorrência do tempo de existência delas.

Referências

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. La création gestuelle des individus sourds isolés : De l'édification conceptuelle et linguistique à la sémiogénèse des langues des signes. **AILE - Acquisition et Interaction en Langue Etrangère**, Paris, v. 01, n.15, p. 61-95, 2001. DOI <https://doi.org/10.4000/aile.537>. Acesso em 20 outubro 2022

MARINHO, Margot Latt. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", 2018.

STOKOE JR, William C. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 10, n. 1, p. 3-37, 2005.